O Centenário do Assassinato do Comendador Garcia

FERNANDO CÂMARA

Como filho de Quixeramobim e seu modesto representante neste Sodalício, não poderia deixar no esquecimento desta Casa o centenário do bárbaro assassinato do comendador José Nogueira de Amorim Garcia, um dos mais ilustres filhos de nossa terra, decorrido no dia 10 de março passado.

O doloroso e brutal acontecimento teve grande repercussão não só em Quixeramobim, mas em todo o Ceará, tal a importância política e social que a vítima desfrutava no cenário cearense, tendo o próprio Chefe de Polícia se deslocado à nossa cidade e assumido pessoalmente o comando das investigações até descobrir o autor de tão hediondo crime.

Antes de abordar a história deste bárbaro assassinato gostaria do evocar um pouco a figura inolvidável do comendador José Nogueira de Amorim Garcia, o comendador Garcia, como se tornou conhecido em sua época, uma das glórias de nosso torrão natal, senão, até hoje, o seu maior representante na política cearense.

Ele veio ao mundo no dia 28 de janeiro de 1849, tendo como pais o comerciante José de Amorim Garcia e sua esposa D. Ana Senhorinha da Invenção, e, segundo Ismael Pordeus, estudou as primeiras letras na escola pública existente em nossa cidade, sob a direção do professor Antônio José Monteiro Imbiriba.

Muito jovem iniciou as suas atividades empresariais no estabelecimento comercial de seu pai, o qual tinha a patente de Tenente da Guarda Nacional, nomeado por portaria imperial de 13 de junho de 1861, e com o seu falecimento assumiu a direção da firma agora com a nova razão social de Viúva Amorim & Filhos.

Aos 23 anos de idade tem a sua primeira nomeação para um cargo público, com data de 2 de março de 1872, quando passa a exercer as funções de Contador, Partidor e Distribuidor do Foro Civil e Criminal de Quixeramobim.

Começa daí o seu interesse pela vida pública de nosso município, passando depois a desempenhar diversas atividades tanto no

poder executivo, como no legislativo de Quixeramobim, sendo eleito posteriormente para a nossa Assembléia Legislativa.

Com a proclamação da República figurou como um dos signatários da Ata da Sessão Extraordinária em que a Câmara Municipal de Quixeramobim dá apoio ao nosso sistema de Governo.

Embora adversário político do deputado José Paulino de Barros Leal, subscreveu o seu projeto de lei que transferia a Capital do Estado para Quixeramobim demonstrando com este gesto o seu espírito democrático e colocando a projeção de nossa cidade acima da política.

Com o seu prestígio conseguiu na última década do século passado a nomeação do Dr. Antônio Monteiro Filho, pai do inesquecível médico cearense, Professor Monteiro de Moraes, para Juiz de Direito de Quixeramobim, preterindo a postulação do outro candidato, Dr. Diomedes Teodoro da Costa, que por este motivo se tornou seu inimigo e passou à oposição política, formando ao lado do coronel Teófilo Lessa e de seu filho Tte. cel. Fausto Lessa.

O comendador Garcia tinha como um de seus *hobbys* preferidos a criação de cavalos de raça, para corridas no prado existente em nossa cidade, mais tarde transformado em campo de futebol.

Ainda conheci a sua arquibancada, coberta de telhas, onde o povo de Quixeramobim assistia às corridas de cavalo tendo ao lado um balcão de alvenaria que servia de bar.

Ele possuía uma bem organizada baia onde os seus animais eram cuidados por um caboclo de nome Irineu Dias, natural do Piauí.

Em certa ocasião, Garcia convidou os engenheiros que construíam o prolongamento da estrada de ferro, prestes a ser inaugurada em Quixeramobim para conhecerem os seus cavalos de corridas.

Por azar de Irineu a baia encontrava-se suja e os animais mal cuidados, tendo isto enfurecido o comendador que esbofeteou o seu responsável e o despediu na hora.

Com este gesto, ele, além de ganhar um inimigo, assinava a sua sentença de morte, como veremos mais tarde.

Feitas estas considerações sobre a personalidade do comendador José Nogueira de Amorim Garcia vamos conhecer agora a sua atuação política principalmente quando o Governo Imperial resolveu estender a então Estrada de Ferro de Baturité, que tinha o seu terminal em Quixadá.

A nossa ferrovia, fundada sob os auspícios do Senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil e de outros empresários cearenses, tinha o primitivo nome de Companhia Cearense Via Férrea de Baturité, e foi idealizada para abastecer Fortaleza dos produtos hortifrutigranjeiros daquele município serrano.

Foi este o seu projeto inicial e daí o motivo de figurar o nome de Baturité em sua razão social.

Mais tarde, o projeto foi estendido até Quixadá, para dar suporte à construção do famoso açude do Cedro, facilitando assim o transporte de materiais para as obras do grande reservatório, por sinal uma das últimas realizações de nosso monarca no nordeste brasileiro, e inaugurado depois, em pleno regime republicano.

Quando o Governo Imperial decidiu dar continuação à então Estrada de Ferro de Baturité, cujo terminal ferroviário ficava em Quixadá, como já dissemos, a direção técnica, responsável pelos estudos de seu prolongamento, apresentou três perfis, a saber:

1°) Quixadá-Cachoeira (hoje Solonópole), passando pela localidade conhecida por Governo, à margem do rio Banabuiú, do lado ocidental da serra do Selado.

2°) Quixadá-Frade (hoje Jaguaretama), passando pelo lugarejo da Penha, também à margem do Banabuiú, pelo lado oriental da mencionada serra do Selado;

3°) Quixadá-Quixeramobim, passando pelas localidades de Floriano Peixoto (hoje Juatama), e Uruquê, e dos três perfis talvez o mais oneroso, razão por que figurou em último lugar.

Estes três projetos, de autoria do engenheiro Lúcio Amaral, chefe da comissão de estudos, foram apresentados ao então diretor geral da Estrada de Ferro de Baturité, Dr. Lassance Cunha.

Foi nesta oportunidade quando entrou em ação o comendador José Nogueira de Amorim Garcia, o qual, logo sentiu a importância que representaria para o progresso de Quixeramobim a construção da nova ferrovia, facilitando não só o transporte coletivo para aquele município sertanejo, até então restrito ao uso de liteiras e carros de boi, como igualmente seria um eficiente meio de comunicação com a Capital cearense.

Sem esta ferrovia o progresso de nossa cidade ficaria seriamente afetado e a sua comunidade isolada de seu principal meio de comunicação e transporte.

O comendador Garcia iniciou, então, uma campanha em prol do projeto Quixadá-Quixeramobim e, quando sentiu que o seu movimento não sensibilizava as autoridades cearenses, deslocou-se até a Capital do Império obtendo uma audiência com o Imperador Pedro II, a quem fez veemente apelo em favor do mencionado projeto.

Não arredou o pé do Rio de Janeiro enquanto não viu a sua missão coroada de êxito e tão impressionado ficou o monarca brasileiro com o dinamismo e espírito público deste nosso inesquecível conterrâneo, o qual contava na época 40 anos de idade, que pouco tempo depois, ou seja, em 2 de maio de 1889, lhe outorgava o título de Comendador da Ordem da Rosa.

O seu regresso a Quixeramobim foi uma verdadeira apoteose, tendo ali recebido as mais consagradoras homenagens e sendo considerado um verdadeiro herói.

Garcia não descansou até ver o início das obras da ferrovia, e para isto fez diversas viagens a Fortaleza, onde tratava também de seus negócios comerciais.

Em uma dessas viagens se fez acompanhar do Tte. cel. Fausto Lessa, filho do coronel Teófilo Lessa, ambos seus opositores políticos mas amigos pessoais de longa data.

Na Capital cearense eles se hospedaram no mesmo quarto de um hotel e na véspera de seu regresso, indo arrumar a bagagem, Garcia encontrou a sua mala arrombada e desaparecida a avultada importância, para a época, de seis contos de réis.

Procurou imediatamente seu companheiro de viagem, Fausto Lessa, mas este, que anteriormente combinara retornar com Garcia, estranhamente já havia viajado para Quixeramobim, sem dar nenhuma satisfação ao amigo.

O comendador Garcia, tendo em vista esta lamentável ocorrência, resolveu permanecer por mais uns dias em Fortaleza, procedendo uma minuciosa investigação e aos pouco foi descobrindo o suspeito do furto de seu dinheiro, na pessoa de Fausto Lessa.

Em uma casa de ferragens soube que ele havia adquirido a ferramenta apropriada para o arrombamento de sua mala.

Conversando com amigos, teve conhecimento também que, durante sua estadia em Fortaleza, Fausto Lessa havia participado de bebedeiras, onde gastou muito dinheiro.

Ele era também dado ao jogo, segundo afirma Gustavo Barroso em seu livro *À Margem da História do Ceará*, página 365, quando comenta a trágica morte do comendador Garcia.

Com outras informações obtidas, tornou-se tão convincente haver sido ele o autor do roubo que o comendador, chegando a Quixeramobim, procurou se entender imediatamente com o coronel Teófilo Lessa, pai do suspeito, a quem deu ciência do ocorrido e das provas obtidas, sugerindo na oportunidade que, se ele o indenizasse da importância roubada pelo seu filho, o assunto ficaria ali mesmo sepultado.

O velho Teófilo Lessa, que bem conhecia o filho, concordou com a proposta de Garcia, ficando de acertar depois a data do pagamento.

Não manteve porém o sigilo combinado, indo comentar o caso com o Dr. Diomedes Teodoro da Costa que rompera com o comendador ao ser preterido para o cargo de Juiz de Direito de Quixeramobim.

Este o dissuadiu imediatamente alegando que, se o coronel Teófilo Lessa pagasse aquela conta ao comendador Garcia, estaria comprando para o seu próprio filho o título de ladrão.

Passou então a instigar os dois Lessa (pai e filho), contra o comendador, insinuando até mesmo a sua morte.

Ainda conheci, na minha adolescência em Quixeramobim, um morador da fazenda de meu pai, chamado Antônio Lopes de Alcântara, a quem todos nós o chamávamos de compadre Toinho. Ele tomou parte no julgamento dos implicados da morte do comendador Garcia, como membro do corpo de jurados, vindo a falecer em 1946 com a avançada idade de 94 anos.

Ouvi-o contar, mais de uma vez, ao meu pai que estando certo dia no atual Cartório Câmara, onde era titular na época o tabelião Júlio Pinto de Mendonça Caminha, ali se encontrava também o Dr. Diomedes Teodoro da Costa. O assunto dominante era a ação que o comendador Garcia impetrara na Justiça contra Fausto Lessa tendo em vista a recusa de seu pai, coronel Teófilo Lessa, em efetuar o pagamento assumido, instigado que fora pelo dito Diomedes Teodoro da Costa.

Este dissera na ocasião: "Júlio Pinto, isto é uma nódoa que só se lava com sangue!"

Se em roda de amigos Diomedes manifestava-se assim, o que não diria em conversas reservadas com os Lessa, homens de pouca instrução, embora pertencentes à aristocracia rural, e dos quais ele se tornou praticamente o mentor político?

Enquanto o comendador Garcia crescia na popularidade e admiração de seus conterrâneos, ao conseguir a via férrea para o nosso

município, os Lessa, seus opositores políticos, decaíam no conceito do povo de Quixeramobim depois que o episódio do roubo foi levado à Justiça, nascendo daí uma grande rivalidade e despeito entre as duas famílias, e, de amigos cordiais que eram os dois clãs, tornaram-se inimigos acérrimos.

Paralelamente a estas ocorrências, o prolongamento ferroviário Quixadá-Quixeramobim avançava e já tinha sido fixada até mesmo a data para a sua inauguração: 11 de março daquele 1894.

Na véspera deste marcante acontecimento, a cidade preparava-se febrilmente e a euforia dominava o coração de todos os quixeramobienses.

O comendador era o mais radiante naquele 10 de março e não parava; tomava providências a todo instante para que nada faltasse e o grande evento obtivesse o êxito desejado.

Esteve na estação ferroviária até tarde da noite e ao retornar para a sua residência, localizada na atual rua Dr. Monteiro Filho, foi brutalmente abatido por um grosso pau de bater cal, nas proximidades do hotel pertencente ao meu saudoso padrinho, Francisco Assis Bezerra de Meneses, mais tarde proprietário da Tipografia Minerva, em nossa Capital.

No local deste hotel funcionou até há alguns anos atrás o estabelecimento comercial do Sr. Antônio Holanda Cavalcanti.

Contava a boníssima senhora D. Almerinda Fernandes, sobrinha da vítima e esposa do renomado médico Dr. Álvaro Fernandes, que um jornal fora colocado no local onde se daria o crime para chamar a atenção do comendador, e quando este se abaixasse para apanhá-lo, o criminoso, ali escondido o abateria com uma cacetada na nuca.

Garcia ficou estendido no local por algum tempo, até que do hotel se ouviu insistentemente o latido de alguns cachorros em seu redor.

O fato chamou a atenção de alguns ferroviários, ali hospedados, os quais indo verificar o que ocorria, "encontraram-no agonizando, caído de borco, coberto de sangue, a cabeça despedaçada pelos golpes brutais dum grosso cacete de bater cal", diz Gustavo Barroso em seu livro *À Margem da História do Ceará*, página 363, quando comenta a trágica morte do comendador Garcia.

A notícia deste acontecimento abalou profundamente a nossa cidade natal, causando revolta e indignação em sua comunidade,

tendo sido inclusive adiada a inauguração da ferrovia Quixadá-Quixeramobim.

No dia seguinte, o Presidente do Estado, Tte. cel. José Freire Bizerril Fontenele, recebia dois telegramas de Quixeramobim, sendo o primeiro do Dr. Diogo de Almeida, engenheiro-chefe responsável pela construção daquele trecho ferroviário:

> "Comunico a V. Excia. que assentei o último trilho que marca a estação de Quixeramobim, entrou hoje a locomotiva nesta cidade. Por este acontecimento realizado sob os auspícios de vossa benéfica administração, congratulo-me com V. Excia. Saudações. Diogo de Almeida."

O outro telegrama, de autoria do Dr. Monteiro Filho, então Juiz de Direito de Quixeramobim, comunicava a dolorosa notícia do assassinato do comendador Garcia.

> "Comendador Garcia foi encontrado barbaramente assassinado, ás 11 horas da noite, perto da casa de sua residência. Monteiro Filho Juiz de Direito."

Reportando a este acontecimento o jornal A República publicou em sua edição de 15 de março a seguinte notícia:

> "Estrada de Ferro de Baturité – No dia 11 do corrente foi assentado o último trilho que marca a estação de Quixeramobim, no prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité, segundo telegrama do ilustre Diretor da Estrada.
>
> Fatal coincidência! no mesmo dia em que o veículo do progresso e da civilização penetrava em Quixeramobim, acordando com os seus silvos agudos ecos da cidade sertaneja caia assassinado às mãos de ferozes bandidos o eminente cidadão comendador Amorim Garcia, o cearense que mais se interessava pela realização desse notável empreendimento. Os malfeitores, os inimigos do progresso de Quixeramobim, procuraram propositadamente essa ocasião para desfechar o golpe nefando que roubou a vida tão preciosa quanto cara à família, aos amigos e à pátria.
>
> Por este motivo foram adiadas as festas preparadas para solenizar o grande acontecimento."

As autoridades de Quixeramobim entraram imediatamente em ação visando a descobrir os autores de tão bárbaro crime, e no dia 13 de março, o então secretário da Justiça do Ceará, coronel Valdemiro Moreira, determinava a rigorosa prisão e incomunicabilidade do velho Teófilo Lessa, de seu filho Tte. cel. Fausto Lessa e do bacharel Diomedes Teodoro da Costa, como mandantes do crime.

Faltava porém descobrir o seu executor, e este se tornou conhecido quando o cidadão Francelino da Silva Tavares, indo ao local do crime, reconheceu a arma utilizada pelo criminoso: o pau de bater cal.

Era o mesmo usado nas obras da construção de sua residência por Irineu Dias, que ali prestava serviços, e desde a morte de Garcia não fora mais trabalhar.

A polícia iniciou a sua perseguição e o aprisionou nas proximidades do Ipu, depois do mesmo haver fugido de Quixeramobim em cavalo de sela, posto à sua disposição nas proximidades de nossa cidade, após haver praticado o crime.

Tudo indica que Irineu Dias ia se refugiar no Piauí, de onde era natural, e não foi preciso apertá-lo muito para que confessasse a autoria do crime.

Com esta confissão, e o depoimento de mais de dez testemunhas, o processo seguiu o seu curso e em memorável júri realizado em Quixeramobim, no dia 7 de março de 1895, Irineu Dias, Fausto Lessa e os também coniventes do crime, Pedro dos Santos Lessa, Francisco Xavier Mocuba e Cândido Primo da Cunha foram condenados a 30 anos de prisão.

O coronel Teófilo Lessa, talvez em respeito à sua idade um tanto avançada, teve a pena fixada em 23 anos.

Enquanto isto, o bacharel Diomedes Teodoro da Costa, em nossa opinião o responsável pelo trágico acontecimento, pois além de incitar a animosidade dos Lessa contra o comendador Garcia incentivava até mesmo o seu extermínio, saiu inocentado do episódio, escapando pela tangente e buscando outros ares, deixando os seus amigos entregues à própria sorte.

Funcionou no júri como um dos advogados da defesa dos Lessa, o Dr. Justiniano de Serpa, futuro Presidente do Ceará, o qual, depois de ouvir a sentença proferida contra os réus, assim se manifestou:

> "Deus me livre da Justiça de Quixeramobim, pois da Justiça Divina eu saberei me defender."

Ele recorreu posteriormente ao Supremo Tribunal Federal mas este, em 16 de março de 1898, confirmou a mesma sentença imposta pela Justiça de Quixeramobim.

A inauguração do prolongamento Quixadá-Quixeramobim só veio a acontecer em 4 de agosto daquele 1894, conforme relata o jornal A República, edição deste mesmo dia:

"Estrada de Ferro de Baturité – Hoje efetuou-se a inauguração da estação de Quixeramobim e paradas de Uruquê e Floriano Peixoto no prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité. O trem inaugural partiu às 5 horas da manhã, conduzindo o Exmo. Presidente do Estado, pessoal técnico da Estrada e grande número de convidados."

Durante os festejos não foi esquecida a saudosa figura do comendador José Nogueira de Amorim Garcia conforme ressalta o mesmo jornal A República, edição de 7 de agosto de 1894:

"Ás 6 horas da manhã de 5 do corrente (agosto de 1894), em Quixeramobim, onde se achava S. Excia. o Sr. cel. Dr. Bizerril Fontenele, honrado Presidente do Estado, foi em romaria ao cemitério daquela cidade, fazer uma visita ao túmulo de nosso saudoso amigo comendador José Nogueira de Amorim Garcia, assassinado na nefanda noite de 10 de março último.

Acompanharam a S. Excia. o ilustre Presidente da Assembléia Legislativa Estadual, nosso amigo cel. Carlos de Miranda, Dr. Thomaz Acioli, coronéis José Pinto, Francisco Gomes, Tibúrcio de Paula, Lourenço Feitosa, João Paulino; os senhores tenentes Raimundo Guilherme e Siqueira Mano, o nosso colaborador, advogado, capitão Agostinho Enéas e diversos cidadãos respeitáveis desta Capital e da cidade de Quixeramobim."

Os tempos se passaram. O velho Teófilo Lessa morreu na prisão jurando inocência, mas suportando com dignidade as conseqüências daquele crime.

Irineu Dias, o criminoso, no leito de morte e sentindo aproximar-se o seu fim, fez uma confissão pública ao capelão da Cadeia, Mons. João Dantas Ferreira Lima, inocentando os Lessa e atribuindo a si unicamente a culpa do assassinato do comendador Garcia, movido pelo ódio que devotava ao mesmo, desde quando fora esbofeteado em sua baia, por ocasião da visita dos engenheiros da Estrada de Ferro.

Diante desta confissão pública, o Presidente do Estado concedeu o alvará de soltura a Fausto Lessa e seus companheiros, pois, como vimos, o coronel Teófilo Lessa já havia morrido na prisão.

Contava eu 14 anos de idade quando, em 10 de março de 1944, decorreram os 50 anos deste bárbaro assassinato e me recordo bem de uma reportagem publicada no jornal *Gazeta de Notícias* com o título "O monstruoso crime de Quixeramobim". Não me lembro, porém, do nome do autor desta matéria.

Alguns dias depois, meu pai, Miguel Fenelon Câmara, recebia pelo correio uma correspondência datada de 10 de março daquele

distante 1944, de Barra do Corda, cidade do interior do Maranhão, que ele não conhecia e também não tinha conhecimento com ninguém daquele município.

A carta continha uma manifestação do espírito de Irineu Dias, em uma sessão espírita ali realizada justamente na data do cinqüentenário da morte de Garcia.

O espírito de Irineu Dias comunicava aos participantes da reunião que naquela data, há 50 anos, ele assassinara na cidade de Quixeramobim, Estado do Ceará, o comendador José Nogueira de Amorim Garcia, figura de maior expressão política e social do município, e que por isto fora condenado à prisão juntamente com o coronel Teófilo Lessa, Fausto Lessa e outras personagens.

Confessava, na oportunidade, que ele, Irineu Dias, era o único responsável por aquele crime e inocentava os Lessa de qualquer culpa no episódio.

Pedia depois aos presentes que fosse escrita uma carta para o Sr. Miguel Fenelon Câmara, em Quixeramobim, pessoa de reconhecida projeção naquela cidade e a quem solicitasse a divulgação desta confissão: ter sido ele o único responsável pelo assassinato do comendador Garcia.

Meu pai, que contava apenas um ano de idade, quando aconteceu este rumoroso crime, mostrou esta correspondência a diversas personalidades de Quixeramobim e eu mesmo cheguei a ler a dita carta.

Os Lessa, que sempre tiveram projeção política em Quixeramobim, desde os tempos coloniais até o alvorecer da República, foram, porém, marcados pelo destino: Maria Francisca de Paula, a famosa Marica Lessa, filha do capitão-mor José dos Santos Lessa, "o rico e o mandão", como afirma Ismael Pordeus em seu livro *À Margem de D. Guidinha do Poço*, acabou os seus dias, esmolando nas ruas de nossa Capital, depois de cumprir uma pena de 30 anos de prisão, pela morte de seu marido Domingos Victor Vasconcelos, embora jurasse também inocência.

O coronel Teófilo Lessa morreu na cadeia e o seu filho, Fausto Lessa, depois de livre, acabou os seus dias como obscuro empregado da Estrada de Ferro de Baturité.

Quixeramobim foi quem mais perdeu com o desaparecimento das duas lideranças políticas, pois o comendador Garcia, um homem relativamente jovem, cheio de dinamismo e espírito público, certa-

mente muito iria ainda batalhar por outros empreendimentos em favor do progresso de nossa terra natal.

Os Lessa, embora mais modestos, tinham também o seu prestígio político e através dele não deixariam também de trabalhar pelo bem estar de nossa comunidade.

Quixeramobim sempre foi considerado no cenário cearense como um celeiro de ilustres filhos que se destacaram na vida pública, cultural, militar e religiosa, mas até hoje somente um deles o comendador José Nogueira de Amorim Garcia teve o seu nome glorificado e perpetuado em bronze, na praça principal de nossa cidade.

Com este gesto certamente, os seus conterrâneos quiseram dizer ser ele a maior figura da história de Quixeramobim, cidade que tanto amou e pelo seu progresso batalhou até o último instante de sua vida.